# A docência e as ordens institucionais que a afetam: a constituição de uma dêixis discursiva no contexto da atividade laboral

Fátima Cristina da Costa Pessoa\*

Maríllia Dias Costa\*\*

Sâmela de Sousa Vidal Soares\*\*\*

#### Resumo

Discutimos a articulação entre os postulados ergológicos e discursivos, com o objetivo de reconhecer quais sentidos docentes atribuem à sua condição de trabalhadoras e trabalhadores1 em instituições de ensino. Os conceitos de prática e dêixis discursivas, atividade e corpo-si são mobilizados para interpretar os dados reunidos em entrevistas com docentes selecionadas e selecionados para a pesquisa por meio de parâmetros como idade, formação, tempo e nível de atuação profissional. Os primeiros dados produzidos no percurso teórico-analítico da pesquisa em andamento se referem ao reconhecimento que demonstram sobre a abrangência do trabalho nas instituições de ensino. Inicialmente, destacamos três coordenadas dêiticas constituídas pela enunci(ação) das e dos docentes: as categorias de centralidade, flexibilidade e autonomia. Procuramos compreender em que medida essas coordenadas apontam para um contexto de trabalho saudável, que favorece a produção criativa, ou um

- Possui graduação em Letras e Artes pela Universidade Federal do Pará (1990), mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997) e doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004), Atualmente, é professora associada da Universidade Federal do Pará, atuando na Faculdade de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. É integrante do Grupo de Trabalho da Anpoll Discurso, Trabalho e Ética, que antes denominava-se Linguagem, Enunciação e Trabalho, e exerceu a função de coordenadora deste grupo no biênio 2014-2016. É membro do grupo de pesquisa Atelier Linguagem e Trabalho, cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq. No biênio 2013-2015, exerceu a função de vice-presidente da Associação Brasileira de Linguística (Abralin). E-mail: fpessoa37@gmail.com
- "Graduada em Licenciatura em Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Pará UFPA (2018). Pós-graduanda Lato Sensu em Ed. Inclusiva no Campo, pela Universidade Federal do Pará UFPA. Destaque da Iniciação Científica e Tecnológica na UFPA em 2017 e 2018. Discente do Programa de Mobilidade Acadêmica Nacional Andifes/Santander para o ano de 2017 na IES acolhedora: Universidade Federal de Minas Gerais UFMG, durante o 2º semestre letivo de 2017. Professora-estagiária no Curso de Português para Estrangeiros do Programa Estudantes Convênio-Graduação (desde 2015). Vice-coordenadora do Centro Acadêmico de Letras, UFPA (jul. 2016 jun. 2017). E-mail: marihcosta 15@gmail.com
- \*\*\* Cursando Licenciatura em Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará. Atualmente, atua como bolsista Pibic/UFPA na Universidade Federal do Pará. E-mail: samela.svsoares@gmail.com

Data de submissão: ago. 2019 – Data de aceite: out. 2019 http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v15i3.9715 contexto opressor, que exige da professora e do professor respostas para as carências que enfrentam.

Palavras-chave: Dêixis discursiva; Atividade docente; Corpo-si; Instituições de ensino.

# Investigações sobre o trabalho docente: localizações iniciais

O ponto de partida para discutir, neste artigo, a docência na perspectiva de professoras e professores que atuam em instituições de ensino é situar o modo como compreendemos a categoria trabalho. Para além disso, é necessário esclarecermos também como compreendemos as relações entre os fenômenos trabalho e linguagem, na busca por reconhecer quais sentidos docentes atribuem a sua condição de trabalhadoras e trabalhadores em instituições de ensino.

Situadas, inicialmente, em uma visada materialista, a categoria trabalho é entendida como

[...] fonte originária, primária, de realização do ser social, protoforma da atividade humana, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana (ANTUNES, 2009, p. 165, grifo do autor).

Ainda conforme Antunes (2009), essa concepção vital do trabalho distorce-se, no contexto de uma sociedade contemporânea capitalista, em opressoras condi-

ções de trabalho assalariado, fetichizado e estranhado. Considerando, portanto, a categoria trabalho como fundante na gênese do ser social, justificamos a relevância em compreender a complexidade envolvida nas formas de significá-lo em contextos singulares pelos próprios sujeitos do trabalho. Dada essa complexidade, a categoria trabalho é objeto de várias abordagens, em diferentes visadas disciplinares, todas elas necessárias, mas sozinhas insuficientes para alcançar toda sua abrangência, conforme defende Trinquet (2012).

Se a abordagem materialista nos situa em relação a uma definição geral da categoria trabalho, como um modo de fazer a síntese da complexidade que a define, a abordagem ergológica, que elegemos para orientar nosso percurso analítico, nos conduz à compreensão dos sentidos atribuídos nos contextos singulares da docência em instituições de ensino, uma vez que propõe uma agenda pluridisciplinar para a compreensão da noção de trabalho como atividade humana, conforme os postulados de Schwartz (2010a, b e c). Isso implica assumir que o trabalho está, permanentemente, imerso em movimentos de sínteses, que se constituem na consolidação de normas antecedentes que pretendem defini-lo, e em movimentos de transformação, que se constituem nos investimentos das trabalhadoras e dos trabalhadores na singularidade da sua realização. Portanto, em consonância com Schwartz (2010a, p. 35), entendemos que

[...] a ideia de atividade é sempre "fazer de outra forma", um "trabalhar de outra forma". Não é uma palavra de ordem projetada no futuro: está dentro da realidade, é uma espécie de obrigação mesma de qualquer situação de atividade de trabalho humano já incluir uma dimensão de transformação.

De modo coerente com nossa escolha, então, abordar o trabalho docente requer dialogar com a professora e com o professor sobre a avaliação que fazem da sua condição de trabalhadoras e trabalhadores em instituições de ensino, diálogo por meio do qual buscamos compreender que sentidos sobre esse trabalho sustentam o investimento pessoal que dedicam à realização da atividade na ordem institucional de que fazem parte.

Revela-se, assim, o caráter pluridisciplinar que a pesquisa assume, pois, para alcançar os propósitos pretendidos, é necessário também eleger uma perspectiva teórico-analítica para a abordagem da linguagem em contextos de trabalho. A perspectiva adotada para cumprir este percurso é a abordagem discursiva proposta por Maingueneau (1997, 2008a, 2008b), por meio da qual se entende que é possível reconhecer uma semântica global que rege o funcionamento discursivo, impondo uma imbricação radical entre um dito, um dizer e uma instituição. Trabalho e discurso são, portanto, categorias centrais mobilizadas para análise da dêixis discursiva constituída

por trabalhadoras e trabalhadores no coletivo de instituições de ensino, cujo reconhecimento colabora para o seu necessário enfrentamento.

As discussões que seguem nas próximas seções do texto são resultados parciais alcançados na análise de entrevistas realizadas com as e os participantes da pesquisa. No conjunto desses dados, que são investigados em torno de quatro eixos, a ser apresentados na seção referente às nossas decisões metodológicas, discutimos neste artigo apenas nossas primeiras considerações em torno do primeiro deles: o reconhecimento da abrangência do trabalho docente em instituições de ensino. Entendemos que o reconhecimento do quanto as e os docentes trabalham nas instituições de ensino aponta para a compreensão da dêixis discursiva que sustenta as dramáticas de uso de si na realização da atividade laboral. Como essa dêixis discursiva se configura e o quanto indica acerca de um contexto de trabalho saudável, que favorece a produção criativa, ou um contexto opressor, que exige respostas para uma situação marcada por carências de diferentes ordens, é o que pretendemos discutir nas análises dos dados. Antes disso, no entanto, discutimos os fundamentos teóricos da pesquisa, apoiada em postulados ergológicos e discursivos, destacando os conceitos centrais mobilizados, os conceitos de dêixis e uso de si, bem como as decisões metodológicas para a composição do corpus a ser analisado e o tratamento que adotamos em relação aos dados da pesquisa.

# Os fundamentos teóricos da pesquisa: Ergologia e Análise do Discurso

A fim de pensar a atividade docente e as relações estabelecidas nas esferas institucionais em que ela se realiza, buscamos aprofundar a compreensão das relações entre as categorias trabalho e linguagem, adotando os pressupostos teóricos de Schwartz (2010a, b e c) e de Maingueneau (1997, 2008a, 2008b). Aqueles fundamentam uma abordagem ergológica capaz de orientar reflexões sobre a complexidade implicada na realização das atividades laborais, enquanto estes últimos fundamentam uma abordagem discursiva dos processos de produção de sentidos.

O escopo da Ergologia, segundo Schwartz (2010a), diz respeito ao estudo da atividade humana e das relações que dela decorrem. Por essa razão, compreendemos que, no ato de analisar a atividade docente, na perspectiva das professoras e dos professores, estamos refletindo sobre as relações tensionadas entre esses sujeitos e sua inserção institucional.

De acordo com os postulados ergológicos, não é possível pensar a prática do trabalho sem buscar o que está inscrito nos sujeitos que o executam, sem ouvi-los. É necessário refletir sobre a atividade laboral com o olhar da socialização e da (re)normalização do aprendido em determinando momento da história coletiva do trabalho. Para ergólogos, a relevância dessa abordagem está em subsidiar uma

[...] forma de pensar a atividade humana que nos ajuda tanto a entender que trabalhar é pensar, quanto a praticar uma forma de intervir de forma cuidadosa, nas situações de trabalho (ATHAYDE; BRITO, 2010, p. 7).

Quer dizer, ao arcabouço normativo institucional que preside atividades laborais estão atreladas determinações que precisam ser postas em discussão e, para tais momentos, é necessário promover a existência de espaços adequados ao compartilhamento de experiências e à consequente construção de sentidos sobre elas. Dessa forma, acreditamos que estamos construindo a oportunidade de expansão de investigações sobre a atividade docente por uma das maneiras que a torna real: a linguagem.

No escopo da abordagem ergológica, a apreensão da dimensão linguística do trabalho não é, de modo algum, negligenciada. Valorizando uma visada pluridisciplinar para a compreensão sempre parcial da atividade laboral, a Ergologia reconhece a dimensão da linguagem como prática social que dá sentido a nossas ações. Desse modo, alinhando-se a uma abordagem discursivo-enunciativa, Durrive, em diálogo com Noël e Faïta

(2010, p. 177, grifo do autor), afirma que "dizer sua experiência é muito mais que contá-la, é descobrir, é descobri-la por si mesmo, redescobri-la."

Uma vez eleita a docência como espaço para analisarmos o trabalho e suas relações com a linguagem, destaca-se que o objetivo é compreender a dêixis discursiva constituída na avaliação de docentes em relação à sua inserção em instituições de ensino. Julga-se necessário, principalmente, direcionar nossa atenção para a realidade de que

[...] estamos sempre em situações de trabalho que tem histórias, particularidades, dentro de relações econômicas em que as exigências e as formas de regulação continuam a pesar (SCHWARTZ, 2010a p. 28).

Logo, nessa conjunção entre os fenômenos do trabalho e da linguagem, reconhece-se que a atividade docente é prenhe de sentidos, revelados nas regularidades enunciativas recorrentes nos dizeres sobre ela.

Dialogar com docentes demonstra a disposição em construir uma análise legitimada pela comunidade discursiva que constitui as instituições de ensino. Reconhecemos também que dialogar com docentes é, certamente, dialogar com parte dessa comunidade, formada por tantos outros sujeitos implicados na e pela docência. No entanto, entendemos que se trata de uma decisão metodológica legítima para abordar, preliminarmente, essa comunidade discursiva tão heterogênea.

É necessário, então, destacar que, no diálogo, estamos interpelando docentes como trabalhadoras e trabalhadores que se inserem em instituições formais de ensino, com a qual mantêm um vínculo profissional, conforme as exigências legais para o seu reconhecimento. Trata-se de considerar como pertencentes à classe-que-vive-do-trabalho, na concepção de Antunes (2009)². É a avaliação dessa condição que nos interessa, o modo como produzem sentidos sobre ela, o modo como constituem uma dêixis discursiva que a situa nessa ordem.

O interesse acerca desse espaço discursivo<sup>3</sup> se deve à necessidade de problematizar, conforme nossas convicções, essa condição de trabalhadora/trabalhador, uma vez que é recorrentemente desconsiderada nas pesquisas sobre o processo de ensino-aprendizagem, isolando os sucessos e insucessos na realização da atividade docente das determinações de uma ordem institucional que incide sobre os investimentos de si na realização de seu trabalho. Parece-nos incômodo encarar que o sucesso ou insucesso do processo de ensino-aprendizagem depende unicamente das escolhas das professoras e dos professores, sem que se problematize seriamente o contexto institucional em que se inserem, em parte determinantes do repertório disponível para suas escolhas. Entendemos, então, que encarar essa dimensão da docência é somar, e às vezes confrontar-se, ao muito que já se

disse e tem se dito sobre como se exerce a docência e como se deveria exercê-la.

Reforçando nosso alinhamento à abordagem ergológica, destacamos a afirmação de Duraffourg (2010, p. 64) de que

[...] a finalidade da análise do trabalho é interpelar a governança do trabalho como base de um parecer que requer profissionalismo. Dito de outra maneira, quando me posiciono do lado do trabalho, me coloco em condições de interpelar os processos de decisão, de concepção, de organização, em resumo, de interpelar os diferentes domínios que caracterizam a governança do trabalho.

Portanto, a escolha em refletir, a partir do que a professora e o professor têm a dizer sobre esse trabalho, dá-se em razão de que, para a Ergologia, pensar o trabalho sem a participação do trabalhador é encará-lo de maneira fraturada. Inseridas nesse contexto teórico-analítico, buscamos investigar o funcionamento discursivo implicado na verbalização sobre o trabalho e compreender o processo cenográfico, na perspectiva de Maingueneau (2008b), de (re)colocar as coordenadas de tempo e de lugar no exercício laboral, não como coordenadas físicas, mas coordenadas político-ideológicas. Tratar-se-á de um tempo e de um lugar da história, fruto do investimento do sujeito no trabalho, que reitera essa história, mas que também abre a possibilidade de ruptura em relação a ela.

# Dêixis discursiva e uso de si no trabalho docente

Para dar a conhecer melhor, neste artigo, nossos investimentos analíticos, trataremos, nesta seção, com maior detalhamento dos conceitos de dêixis discursiva, na abordagem discursiva, e uso de si, na abordagem ergológica, que são os conceitos centrais mobilizados para dar tratamento aos dados da pesquisa.

No âmbito de sua semântica global, Maingueneau (1997) articula, ao plano das práticas discursivas, o plano da enunciação por meio do conceito de cena de enunciação, que compreendemos, conforme os postulados do autor, como parte integrante do processo em que se constituem, se consolidam e se transformam os discursos. Para Maingueneau (1997), esse conceito subdivide-se em uma tríade: cena englobante, que se refere ao tipo de discurso; cena genérica, que se refere a gêneros do discurso; e cenografia, que corresponde à constituição de uma dêixis discursiva.

Em nossas análises, buscamos elucidar justamente as regularidades enunciativas nas cenografias mobilizadas pelas colaboradoras e pelos colaboradores da pesquisa na enunciação sobre sua atividade laboral, considerando que não apenas falam por si, mas como parte de uma comunidade discursiva.

Maingueneau (1997) define dêixis discursiva como o estabelecimento de três coordenadas em que a enunciação aparece ancorada: o par enunciador e co-enunciador, como instâncias subjetivas da enunciação, a cronografia e a topografia, que são, respectivamente, o tempo e o espaço ideológicos de onde enunciam esses participantes.

De acordo com Maingueneau (1997, p. 42),

[...] se existe uma dêixis discursiva é porque uma formação discursiva não enuncia a partir de um sujeito, de uma conjuntura histórica e de um espaço objetivamente determináveis do exterior, mas por atribuir-se a cena que sua enunciação ao mesmo tempo produz e pressupõe para se legitimar.

Com base nesses postulados, a dêixis discursiva diz respeito às coordenadas discursivas de sujeito/tempo/espaço, cujo caráter é social, histórico, político e ideológico. Portanto, pensar o sujeito do trabalho como alguém que faz investimentos para realizar a atividade é, então, reconhecer que faz isso sustentado por uma dêixis discursiva, com base na qual produz sentidos que permitem a tomada de decisões sobre como agir e o que dizer no e sobre o contexto de trabalho. As e os docentes constituem uma dêixis ao se reconhecerem integrantes de uma comunidade discursiva, parte de uma ordem institucional implicada pela atividade laboral. E, assim, sob a luz desta perspectiva, entendemos que, segundo Maingueneau (2008a, p. 121), "é impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função da qual ele é organizado em silêncio".

Alcançando o campo da linguagem, Schwartz (2010b) a considera como um elemento essencial da regulação, re-regulação, recomposição permanente da atividade, quer dizer, ele nos atesta que o trabalho, em todas as suas vertentes, é inconcebível sem o uso da linguagem. Assim, o quadro teórico da Ergologia nos conduz a introduzir, na convergência com o conceito de dêixis discursiva, o conceito de corpo-si, que faz referência ao processo de renormalização, confrontação entre os saberes instituídos e os saberes investidos<sup>4</sup> em uma situação singular de trabalho.

Para a Ergologia, as normas antecedentes do trabalho não antecipam e organizam completamente a realização da atividade de trabalho, pois há sempre um investimento do sujeito a ser feito, uma decisão local a tomar, e esse investimento de si é entendido, nesse quadro teórico, como um uso do corpo-si: um uso de si por si e um uso de si pelos outros. Essa maneira de entender a atividade de trabalho aponta para a tensão entre o singular e o coletivo no contexto da docência, aponta também para a tensão entre o histórico e o circunstancial, adotando-se uma fórmula proposta por Possenti (2002), com base em Maingueneau<sup>5</sup>.

Essa fronteira tênue entre a estabilidade e a instabilidade inscrita tanto nas formas de ação quanto de enunciação no trabalho e sobre o trabalho é o que autoriza a convergência entre as duas abordagens teóricas, uma vez que, tanto na compreensão parcial da atividade quanto na compreensão parcial do funcionamento discursivo, estamos às voltas com processos dinâmicos e plásticos, cujos contornos podemos alcançar, sem jamais alcançar sua forma acabada, engessada, definitiva.

O caráter desses objetos de conhecimento nos situa em um paradigma de compreensão analítica sempre provisório e sempre sujeito a revisões, cuja consistência se alcança por meio das relações que são possíveis de reconhecer em um certo emaranhado histórico, possível de ser descrito em relação a um recorte metodologicamente justificado pelas possibilidades da realização da pesquisa.

Para Schwartz (2010c, p. 190), trabalhar é gerir um uso de si, ou seja, "é preciso fazer uso de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de suas próprias escolhas". Logo o trabalho não é pura execução de normas, mas um processo que implica renormalizações, o confronto do real do trabalho com o prescrito para o trabalho, que é sempre insuficiente para preencher de sentido a atividade em execução. É justamente essa distância entre o prescrito e o real da atividade, esse "vazio de normas" (SCHWARTZ, 2010c, p. 190), que torna a atividade um

*élan* de vida e de saúde, sem limite predefinido, que sintetiza, atravessa e liga tudo o que as disciplinas têm representado separadamente: o corpo e o espírito; o individual e o coletivo; o fazer e os valores; o privado e o profissional, o imposto e o desejado etc." (DURRIVE, 2010, p. 19, grifos do autor).

No preenchimento desse vazio de normas, instaura-se o que Schwartz (2010c) denomina de dramáticas do corpo-si:

É verdade que, no trabalho, há sempre uma espécie de destino a viver. Não há outro jeito, sempre é necessário fazer escolhas. Se fazemos escolhas, por um lado elas são feitas em função de valores - mas, por outro, essas escolhas são um risco, já que é preciso suprir os "vazios de normas", as deficiências de orientações, de conselhos, de experiências adquiridas, registradas nas regras ou nos procedimentos. Portanto: sim, corremos riscos. Antecipamos soluções possíveis sabendo que efetivamente há o risco de falhar, de criar dificuldades novas, de desagradar... E, ao mesmo tempo, escolhe-se a si mesmo. Encontramo-nos em uma situação que não tem antecedente estrito senso. Escolher essa ou aquela opção, essa ou aquela hipótese é uma maneira de se escolher a si mesmo – e em seguida de ter que assumir as consequências de suas escolhas (p. 191).

É necessário destacar também que no bojo desse processo de dramáticas do corpo-si alcança-se os outros com os quais trabalhamos, implicados pela atividade que realizamos:

De certo modo, jamais se trabalha totalmente sozinho, mesmo quando se tem a impressão, porque os outros estão lá através da preparação do trabalho, da prescrição, da avaliação. Estamos em um universo social de parte a parte. Fazer escolhas é também se engajar em um mundo humano atravessado de valores. E este é um elemento de escolha em uma resposta que é sempre, em parte, coletiva; a maneira pela qual vamos tratar as dificuldades, pela qual vamos escolher, orientar a atividade coletiva em uma ou outra direção (SCHWARTZ, 2010c, p. 191-192).

A articulação entre essas duas abordagens, portanto, nos faz acreditar que é possível, no diálogo com as e os docentes, em situação de entrevista para discussão sobre o trabalho que realizam nas instituições de ensino, reconhecer, no emaranhado histórico que se configura neste tempo e lugar, os indícios de uma dêixis discursiva reveladora das coordenadas de sujeito/tempo/lugar que sustenta os sentidos sobre a docência, que, por sua vez, sustenta o processo de tomada de decisões da trabalhadora e do trabalhador na execução da atividade. Acreditamos que esse percurso teórico-analítico poderá revelar as práticas discursivas e as atividades em pleno funcionamento na enunci(ação), nos modos de dizer o trabalho que discursivizam os modos de agir no trabalho.

## Decisões metodológicas para a constituição do *corpus* e para o tratamento dos dados de pesquisa

Para o alcance de nosso objetivo, optamos por gravar entrevistas com as e os colaboradores da pesquisa, garantindo que nesse diálogo houvesse tempo suficiente para que discorressem sobre a avaliação que fazem da atividade docente nas instituições de ensino em que atuam. Para orientar a essa temática,

elaboramos um roteiro semiestruturado da entrevista, estimulando-as e estimulando-os a iniciar suas intervenções. As duas primeiras perguntas que fazemos dizem respeito ao funcionamento da instituição em que atuam, buscando ouvir, também, qual o lugar que ocupam neste funcionamento.

Nosso propósito seria ouvir da professora e do professor uma descrição do modo como essa instituição funciona no cotidiano do trabalho e como se inserem nesse cotidiano, indicando que tarefas realizam comumente. Entendemos que a abrangência da questão, na construção deste instrumento metodológico, permite à e ao docente elaborar uma representação desta instituição, incluindo-se como sujeito nela atuante. Acreditamos que a questão aponta um direcionamento, sem restringir as possibilidades de elaboração das respostas. Na verdade, as respostas têm se apresentado como relatos do cotidiano do trabalho.

Em relação à seleção das e dos colaboradores da pesquisa, ponderamos, principalmente, abordar uma diversidade de perfis, considerando as diferenças de gênero (feminino e masculino), faixa etária (até 40 anos e mais de 50 anos), tempo de serviço (até 10 anos e mais de 15 anos), nível de formação (magistério, graduação e/ou pós-graduação) e nível de atuação profissional (básico ou superior). No cruzamento desses critérios, chegamos a um total de 30 participantes a serem entrevistados. Ainda não entrevistamos todas as professoras e todos os professores que correspondem aos perfis definidos na pesquisa. Uma de nossas opções metodológicas é fazer a escuta atenta e a análise das entrevistas registradas em áudio à medida que elas são realizadas. A escuta e a análise de cada nova entrevista se confrontam com os dados provisórios que já fomos capazes de sistematizar em dado momento da pesquisa, no emaranhado histórico que se apresenta a nós em circunstâncias específicas.

Vale ressaltar que o roteiro semiestruturado de 11 (onze) perguntas foi elaborado, testado e aplicado especificamente nesta e para esta pesquisa e garantimos que as e os colaboradores tomassem ciência do objetivo da pesquisa, dado que, de acordo como Faïta (2010, p. 184),

[...] é preciso assegurar que a pessoa que vamos submeter a essa prova, cuja cooperação garantimos, compreendeu perfeitamente as implicações antes de se submeter ao exercício, porque pode acontecer de haver pessoas que não se recusam, mas que se curvam a essa disciplina sem saber em que elas estão se engajando.

Até o presente momento foi possível realizar 7 (sete) entrevistas, reunindo-se o total de 07h40m51s de gravação em áudio e os perfis abrangidos estão registrados na tabela que segue:

Tabela 1 – Indicação dos perfis das colaboradoras e dos colaboradores da pesquisa

Participantes	Faixa etária	Tempo de serviço	Nível de formação	Nível de atuação
F4010GB <sup>7</sup>	até 40 anos	até 10 anos	Graduação	Educação básica
F4010PGS	até 40 anos	até 10 anos	Pós-Graduação	Educação superior
F5015GB	+ de 50 anos	+ de 15 anos	Graduação	Educação básica
F5015PGS	+ de 50 anos	+ de 15 anos	Pós-Graduação	Educação superior
M4010GB	até 40 anos	até 10 anos	Graduação	Educação básica
M4010PGS	até 40 anos	até 10 anos	Pós-Graduação	Educação superior
M4015GB	até 40 anos	+ de 15 anos	Graduação	Educação básica

Fonte: tabela elaborada pelas autoras.

De acordo com a atual configuração que assumimos para a leitura dos dados, a heterogeneidade que caracteriza a seleção das colaboradoras e dos colaboradores da pesquisa se justifica em razão de uma pretensa cobertura abrangente na linha do tempo, seja em relação à idade, seja em relação ao tempo de docência, bem como uma pretensa cobertura abrangente no espectro de formação docente e do nível de atuação profissional. Entendemos que o que há de comum

entre todos é o exercício da docência no interior das instituições de ensino. Em todas elas, com suas especificidades, a e o docente se inserem como trabalhadora/trabalhador em uma ordem institucional e nela se movem, seja alinhando-se às suas determinações ou confrontando-se com elas.

Com base nos indícios que levantaremos nas análises, buscamos reconhecer regularidades enunciativas na constituição da dêixis discursiva sobre o trabalho docente que apontem para a formação de agrupamentos distintos, indicando convergências na enunci(ação) pela combinação dos mais diversos critérios de seleção. Nossa expectativa quanto às semelhanças e diferenças que podem ser encontradas nas análises dos dados é de que as regularidades possíveis apontarão um percurso de análise bastante rico, no sentido de orientar na abordagem de diversas questões pertinentes para a atividade docente, como a questão que se coloca inicialmente neste artigo sobre a "autonomia" docente.

Por fim, é preciso destacar que, conforme se configurou o roteiro da entrevista semiestruturada e os primeiros diálogos registrados em áudio, foi possível estabelecer uma divisão inicial para a análise dos dados em quatro blocos temáticos: (i) o reconhecimento da abrangência do trabalho que a e o docente realiza na instituição; (ii) o reconhecimento das relações entre o coletivo

de trabalho estabelecidas na instituição; (iii) o reconhecimento da proximidade ou do distanciamento que o docente assume em relação à legislação que rege o trabalho docente; (iv) o reconhecimento de práticas de ensino fundamentadas na tradição e/ou na atualidade. Neste artigo, nossas considerações sobre os dados estarão relacionadas apenas ao primeiro bloco temático, em razão do estágio parcial da pesquisa. A escuta atenta das entrevistas já registradas levanta diferentes questões que exigem o cruzamento de dados e que podem ser tratadas inicialmente em separado, para depois serem relacionadas com o conjunto das demais questões.

Na próxima seção, demonstraremos o que a análise dos dados iniciais já nos apontou sobre a dêixis discursiva referente à atividade docente em instituições de ensino, especificamente em relação às categorias centralidade, flexibilidade e autonomia.

## Centralidade, flexibilidade e autonomia: o reconhecimento inicial das coordenadas dêiticas

Com a finalidade de reconhecer quais sentidos docentes atribuem a sua condição de trabalhadoras e trabalhadores em instituições de ensino, direcionamos nossa atenção primeiramente ao modo como sintetizam a atividade docente que realizam cotidianamente. Ao analisar as primeiras entrevistas, compreendemos que a atividade docente é demasiada abrangente, ao ponto de não conseguirem alcançar sua totalidade quando são demandadas e demandados a descrever o funcionamento da instituição e o lugar que ocupam nessa dinâmica. Os dados que até agora reunimos apontam que as professoras e os professores procuram indicar as tarefas que realizam no cotidiano do trabalho no início da entrevista, mas é comum que até o final das entrevistas surjam novas tarefas que não foram lembradas inicialmente ou mesmo não foram relacionadas como tarefas que estão sob sua responsabilidade. Por essa razão, refletir sobre a abrangência da docência e a percepção que docentes têm dessa abrangência tornou-se relevante nos movimentos iniciais do percurso analítico dos dados.

Assim, reconhecemos que só é possível perceber o conjunto de tarefas implicadas na atividade docente por meio da escuta atenta de toda entrevista. Essa experiência ilustra bem o que se concebe na Ergologia, de que a "linguagem desempenha um grande papel na atividade, mas a atividade ultrapassa, apesar de tudo, o que as palavras podem dizer sobre ela" (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 139). Com base nos postulados ergológicos, entendemos que a atividade é somente parcialmente capturada pelas

palavras, uma vez que todo o investimento do corpo-si na realização da atividade ultrapassa as dimensões sobre as quais a trabalhadora e o trabalhador têm consciência. Portanto, essa recuperação parcial e fragmentada da atividade não é algo que frustre nossa expectativa quanto aos alcances da pesquisa. Pelo contrário, trata-se de um primeiro confronto com os dados a que estamos dando tratamento, que nos revela e nos confirma a complexidade do objeto sobre o qual nos debruçamos:

Há uma espécie de limite sobre essa relação do fazer e do corpo, não sendo possível fixar precisamente esse limite. Se, então, desejássemos pôr em palavras, ou se nos impuséssemos a obrigação, como dizíamos há pouco, de colocar em palavras tudo aquilo que sabemos fazer, isto seria redutor em relação à riqueza – poderíamos dizer, antropológica – que está presente em todas as atividades, mesmo nas tecnologias mais modernas (SCHWARTZ, 2010b, p. 140).

Para melhor compreender as tarefas realizadas nas instituições de ensino, optamos por organizá-las em três blocos, tomando a sala de aula como espaço nuclear da docência: (i) tarefas realizadas no espaço da sala de aula, como lecionar, aplicar avaliações, responder às demandas das e dos discentes, motivar as e os discentes para que sejam protagonistas de seus aprendizados etc.; (ii) tarefas que antecedem o trabalho realizado na sala de aula, como preparar antecipadamente as aulas, participar de reuniões pedagógicas, adequar material para os

diferentes desenhos de curso etc.; (iii) tarefas que se desdobram do trabalho em sala de aula, como atender aos responsáveis de discentes, corrigir avaliações, preencher relatórios sobre o desempenho das e dos discentes nas aulas etc. Além das tarefas que se impõem em torno do espaço da sala de aula, há ainda tarefas que são demandadas pela direção da instituição, como participar das programações da escola (amostras culturais, passeios, trabalhos de bairro, eventos em datas comemorativas...), participar de reuniões administrativas, produzir atas de reuniões, colaborar com os processos de avaliação dos cursos etc.

Destacamos em relação a esse agrupamento das tarefas que o protagonismo docente nas instituições de ensino é bastante abrangente, o que suscita a seguinte avaliação do colaborador M4010PGS:

(1) 58m09s<sup>7</sup> - a gente faz muita coisa né? o pessoal não tem noção disso né? até os próprios alunos né? não é nem só o pessoal da mídia:: do que se propaga fora assim daqui até os próprios alunos não tem noção

O docente sintetiza uma avaliação do que relatou nesse encontro, ao final da entrevista, quando as pesquisadoras sinalizam que ele pode acrescentar o que acha que faltou dizer ao longo do diálogo. Nessa síntese, o professor lança um olhar à abrangência do trabalho que realiza e, o que é mais interessante, traça uma linha demarcatória entre uma percepção

das e dos docentes sobre o trabalho que realizam e uma percepção daqueles que não são docentes, sendo esses últimos sujeitos internos (alunos) ou externos à instituição de ensino (o pessoal da mídia). Essa intervenção pode funcionar também como uma revelação para o próprio docente acerca de sua inserção institucional, ao fazê-lo reconhecer a abrangência do trabalho que realiza, percepção que pode tornar-se opaca em um distorcido contexto de trabalho fetichizado e estranhado.

Nessa abrangência do trabalho na instituição de ensino, um primeiro traço de constituição de uma dêixis discursiva se revela nos enunciados: o lugar de centralidade que atribuem à e ao docente no funcionamento da instituição.

- (2) F4010GB 52m33s eu acredito que... há uma necessidade de saber o que aconte/ que quem tá numa sala de aula são os professores entendeu? a relação aluno professor (inc.) a gente pode até passar para a direção as dificuldades dos alunos as nossas dificuldades né? mas eu acredito que a escola existe com um foco só existe escola (pros) alunos (inc.) o professor não dá pra/ e os outros são apoio... o nosso apoio8 entendeu?
- (3) M4010GB 07m11s bem... a direção pedagógica é o **nosso esteio**, dá o **suporte** para as atividades (...)
- (4) M4010PGS 02m37s: (...) a instituição é::: (...) um tanto quanto (...) é bem caótico eu acho assim lá a gente tem um problema muito grande com técnico (...) a gente sente muito falta desse **suporte** (...)

É pertinente notar nos destaques em negrito que as e os docentes se referem ao corpo de servidores técnicos das instituições a que pertencem por meio de termos como suporte, apoio, esteio. A atividade docente é reconhecida como a atividade central das instituições. As demais atividades, realizadas por trabalhadoras e trabalhadores que não exercem a docência, são atividades circundantes à atividade principal, responsáveis por garantir sua realização a bom termo. A convergência entre a abrangência da docência e a centralidade que ela assume nas instituições de ensino, até agora verificadas nos dados que analisamos, conduzem docentes a uma dinâmica de trabalho na qual dependem delas e deles muitas decisões sobre o cotidiano da instituição de ensino. Ao discorrerem sobre situações dessa ordem, dois termos ganham visibilidade nos enunciados e apontam para mais um indício da configuração de uma dêixis discursiva sobre o trabalho docente. São os termos flexibilidade e autonomia. Sobre eles alguns questionamentos se impõem.

Com base nos fundamentos ergológicos, trabalhar é gerir um uso de si. Conforme Schwartz (2010c), os indivíduos são únicos e singulares e suas histórias e experiências refletem e interferem na realização do seu trabalho, o que leva todo ato de labor a ser um uso de si por si e pelos outros nos coletivos, repletos de encontros de valores. Em qualquer

que seja a situação, há sempre uma negociação da atividade com as normas anteriores a ela, isso porque"[...] cada ser humano – e principalmente cada ser humano no trabalho – tenta mais ou menos (e sua tentativa nem sempre é sucedida) recompor, em parte, o meio de trabalho em função do que ele é, do que ele desejaria que fosse o universo que o circunda" (SCHWARTZ, 2010a, p. 31).

Sendo assim, flexibilidade e autonomia são dimensões muito bem-vindas no contexto de trabalho para que ele se torne um ambiente saudável para a trabalhadora e o trabalhador. Nos contextos singulares com os quais nos defrontamos, procuramos compreender como as dimensões de flexibilidade e autonomia aparecem na avaliação das e dos docentes colaboradores da pesquisa.

F4010GB é uma docente que atua na mesma instituição de ensino no turno matutino e no turno noturno. Ao se referir ao trabalho que realiza nos diferentes turnos, ela fez a distinção entre ter mais ou menos autonomia.

(5) 39m14s – é o que eu sinto é o que eu sinto mesmo ele[o professor] tem todo um papel pra articular mesmo tá certo? a:: tem a coordenação mas eu sinto assim mais uma:: a gente diz que a gente tem uma autonomia de manhã eu não sentia tanto essa autonomia como eu sinto à noite (...) aí eu sentia assim muitos/ os projetos VINHAM pra gente e à noite não A GENTE faz os projetos

Além de pontuar em suas intervenções que realiza seu trabalho com autonomia, ela também pontuou a necessidade imperiosa de ser flexível para que possa realizar sua atividade:

- (6) 35m23s uma coisa que quando eu entrei eles disseram logo **você tem que ser mais flexível**
- (7) 44m38s foi logo que eu entrei lá porque eu ainda não sabia da questão da flexibilidade que o professor tem que ter
- (8) 1h07m43s já está funcionando (...) já mandei uma atividade pra eles só que eles tão dizendo que/ e eu não posso dizer não se virem<sup>9</sup> não eu tenho que flexibilizar também

Desse modo, os termos autonomia e flexibilidade se conjugam na configuração da dêixis discursiva que procuramos compreender, já que a flexibilidade para renormalizar a atividade é garantida pela autonomia que docentes possuem na instituição de ensino onde atuam. Ao pontuar que docentes devem flexibilizar, a entrevistada frequentemente se referiu a lacunas que afetam a realização da atividade: falta de tempo das e dos discentes para as atividades pedagógicas, falta de acesso à rede para que as e os discentes realizem as atividades pedagógicas, falta de um material didático motivador, entre outras carências. No escopo de uma avaliação crítica que a docente realizou sobre seu trabalho, também destacou que é possível observar que

muito se investe no aparato material da escola, porém o aluno não é estimulado a desenvolver uma percepção crítica do seu entorno social, por isso ela assume, com os demais professores, a responsabilidade pela formação desses discentes como cidadãos.

- (9) 1h01m41s eles dizem que tem uma preocupação ah eu tô fazendo investimento quando mando (...) eu tô fazendo investimento quando mando computadores/ não tô desmerecendo sim tem investimento mas eu percebo que quando se trata da questão das humanas eu percebo que é um investimento muito no tecnológico o computador...
- (10) 1h02m06s isso aí quando chega no humano fazer o aluno pensar fazer o aluno criticar eu não vejo isso entendeu? eu não vejo isso tanto assim (...) eu percebo um investimento SIM na questão do instrumental mas na questão de fazer o desenvolvimento do intelecto mesmo eu não percebo isso não entendeu? aí... enfim
- (11) 1h02m55s é/ aí eu acho que que entra a nossa iniciativa entendeu? de fazer projetos pequenos projetos pra depois abrir discussão em sala de aula também (...) aí eu acho que isso funciona isso funciona fazer eles pensarem mesmo a questão da crítica mesmo

Para a Ergologia, o trabalho é vida, isto é, não é um ato mecânico. A trabalhadora e o trabalhador sempre irão imprimir a sua marca no trabalho, irão realizá-lo de uma forma que a e o revele. Logo, sempre irão reconfigurar a ativi-

dade que executam para a construção de uma identidade no trabalho. Ao longo desta análise, é possível identificar tracos de um debate de normas relativo ao ambiente laboral em que se insere a docente F4010GB e às possibilidades para a prática educativa. Acontecendo este debate, a docente pode valer-se de seus saberes e valores para alterar contingencialmente o cenário em que está inserida, fazendo-a comprometer-se moralmente e compreender os acontecimentos inusitados ou desafiadores de sua atividade que se tornam os guias de sua deliberação, garantindo uma autonomia ampliada. O espaço de manobra que a entrevistada dispõe para alterar suas práticas e adequar sua atividade é bom, pois ela avaliou positivamente a sua autonomia como consequência da centralidade que assume na instituição escolar. Contudo, questionamos, com base nos dados da pesquisa, até que ponto é possível avaliar positivamente a centralidade do lugar docente na instituição escolar em um contexto em que se reconhece que muitas renormalizações são necessárias em decorrência de condições precárias de trabalho. As questões que se colocam neste momento são: (i) existe o limite entre um contexto saudável e um contexto opressivo na realização da atividade de trabalho que exige renormalizações? (ii) como reconhecer os limites entre as renormalizações que são resultado de um engajamento na atividade, transformando-a para que se torne plenamente vivível, e as renormalizações que são resultado de um contexto de carências no qual são exigidos resultados?

Martins (2010) propõe uma discussão sobre a noção de autonomia no trabalho docente que aponta para, pelo menos, três direções, das quais uma nos parece bastante pertinente para a discussão que propomos neste artigo: a noção de autonomia aparente ou como responsabilização. Segundo suas discussões, essa noção de autonomia como responsabilização resulta de uma lógica de responsabilidade individual da e do docente. Acrescentamos que essa lógica se reforça em um contexto laboral em que a professora e o professor entendem-se como sujeitos centrais no funcionamento das instituições de ensino e, por essa razão, entendem que a efetiva realização do trabalho docente depende fundamentalmente do seu desempenho profissional. Nos dados que analisamos, a recorrente percepção de que as demais trabalhadoras e os demais trabalhadores das instituições de ensino são suporte/apoio de docentes, conforme os excertos de (2) a (4), nos sinaliza para a constituição dêitica desse lugar de centralidade e de responsabilidade sobre o sucesso da docência. Martins (2011) ainda acrescenta que essa lógica da responsabilidade individual é geradora de um sentimento de solidão no exercício da docência e de uma dificuldade em instituir uma dinâmica coletiva de trabalho. Ao se retomar o excerto (1) apresentado anteriormente, não se pode deixar de pontuar que a síntese que o docente fez sobre a abrangência do trabalho que realiza vem acompanhada de um desabafo sobre a invisibilidade de todo esse esforço que sua atividade exige.

Podemos ainda pontuar mais dois excertos em que esse senso de responsabilização pelo resultado satisfatório do processo de ensino-aprendizagem como resultado fundamental do desempenho da docência se manifestou na enunci(ação) do colaborador M4010GB:

(12) 01min44s - por exemplo esse ano eu to dando aula em três escolas diferentes então são três cenários bem bem diferentes entendeu? uma que a escola realmente tá abandonada pelo poder público né? em termos de de todas as manutenções básicas né? tanto a a matéria prima estrutural como a matéria prima humana né? que é o corpo docente né? ou seja os professores deses/ desestimulados realmente por um ambiente escolar que não não tem realmente ações pedagógicas nem recursos pedagógicos pra gente poder trabalhar direito entendeu? e a gente às vezes tem que tirar do nosso próprio bolso pra que essas situações aconteçam né? é:: projetos de ensino que fo/ meio que são assim instalados goela abaixo na gente né? pra gente tentar... é é é aplicar mas que falta todo um um conjunto de estruturas necessárias pra que ele seja realmente é:: viáveis economicamente falando e aí os professores realmente ficam naquela naquela naquela ansiedade naquela naquela FRUSTRAÇÃO de não poder realmente uti/ realizar um trabalho que seje:: que seje:: que tenha resultados que tenha resultados

(13) 04min12s - a gente fica assim sem saber realmente o que fazer o que a gente tenta fazer é a nossa parte né? procura tirar do nosso bolso né? se quiser que lhe mostre depois eu eu é:: eu tenho datashow né? que eu comprei eu tenho meu próprio notebook que eu levo pra escola pra poder dar uma aula um pouco diferenciada mostrar vídeos mostrar animações né? na minha área de tecnologia eu preciso muito desses recursos tecnológicos né? desses desses tics que eles chamam né?

Nos excertos, o docente discorreu sobre as dificuldades encontradas nas instituições de ensino onde atua, atribuiu essas dificuldades ao poder público e indicou o modo como essa situação afeta o trabalho docente. Há duas atitudes sinalizadas pelo docente em relação à sua inserção institucional. Primeiramente, reconhecemos que o docente aponta para uma situação opressora, adoecedora, uma vez que as condições precárias para o exercício da docência não permitem à classe docente (o docente expressa essa situação opressora como condição geral enfrentada "pelos professores") alcançar resultados satisfatórios em relação a "projetos de ensino que fo/ meio que são assim instalados goela abaixo na gente né?". No entanto, mesmo em condição de desestímulo e frustração, o docente sente-se responsabilizado pelos resultados que passam a ser dele exigidos por uma ordem institucional que em muito o ultrapassa: "a gente fica assim sem saber realmente o que fazer o que a gente tenta fazer é a nossa parte né? procura tirar do nosso bolso né?". O investimento que o docente faz para a realização de sua atividade é emocional e financeiro, duas condições que sobrecarregam sua condição de vida também fora do trabalho. Mas todo esse grande investimento se justifica para esse docente que reconhece, assim, estar realizando sua atividade, fazendo uso de si por si e pelos outros.

### Considerações finais

A opção por conduzir nossa pesquisa do modo como apresentamos ao longo do artigo exige que, nessas linhas finais, mais uma vez salientemos que os primeiros resultados aqui discutidos são provisórios, não só porque há ainda muito que ouvir nas entrevistas que estamos registrando, mas também porque é sempre provisória a interpretação que é possível fazer do emaranhado histórico com o qual nos defrontamos no contexto singular das pesquisas sobre o trabalho e as práticas discursivas. No entanto, a provisoriedade desses resultados é a garantia de que as interpretações sobre os sentidos do trabalho e sobre os processos enunciativos continuarão, já que os avanços só se tornam possíveis no confronto com as etapas já vencidas. Assim, entendemos que este artigo é produto de uma etapa inicial necessária, mas a ser superada na continuidade da pesquisa. As provocações iniciais no processo de tratamento dos dados da pesquisa abrem horizontes que devem ser perseguidos com mais diálogos que aprofundem as primeiras direções ou as transformem ou até, quem sabe, as interrompam, mas que jamais as ignorem, pois elas fazem parte desse percurso possível na história.

Discutir, então, os sentidos mobilizados para a constituição de uma dêixis discursiva que aponta para categorias como centralidade, autonomia e flexibilidade na avaliação de professoras e professores sobre sua atividade docente é buscar reconhecer e compreender a complexidade, as tensões, as contradições que tecem as ordens institucionais do trabalho, permitindo-nos, conforme afirma Durrive, em diálogo com Duc e Schwartz (2010a, p. 25), "melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho, para transformá-las". Não estamos em condições de oferecer respostas para as questões iniciais que elencamos neste artigo sobre os limites entre um contexto saudável e um contexto opressor de trabalho, no entanto, entendemos que a contribuição deste artigo é confrontar o dito, o dizer e a instituição de onde derivam, levantando, se for o caso, conflitos e contradições revelados na tessitura das relações interdiscursivas. A investigação da linguagem em contextos de trabalho em perspectiva discursiva não pode convencer-se com a transparência da linguagem, mas questionar sua opacidade. Compartilhamos

nossa percepção de que essas tensões e contradições existem, constituem-se nas enunci(ações) da comunidade discursiva que compõem as instituições de ensino.

Almejamos que, ao discutir essas tensões e contradições, elas sejam enfrentadas, reelaboradas, tanto nas enunci(ações) cotidianas nos contextos de trabalho, quanto nas enunci(ações) no campo teórico onde se elaboram sínteses sobre esses contextos. Schwartz (2010c) afirma que a perspectiva ergológica é fundada em uma posição de desconforto intelectual. Essa perspectiva expressa precisamente o efeito que pretendemos suscitar em todos aqueles envolvidos na comunidade discursiva que enuncia sobre a docência no espaço acadêmico: docentes, pesquisadoras, leitores. Essas discussões não encerram questões, elas as ampliam.

The teaching work and the influences of institutional environment issues: formation of a discursive deixis in labor context

#### Abstract

This study was based on ergological and discursive theories in order to comprehend what meanings teachers and professors realize about their work conditions in teaching institutions. The definitions of practice and discursive deixis, activity, and selfbody are mobilized aiming to understand the data collected by means of interviews. For this purpose, teachers and professors were selected according to age, education level, working time and level of professional practice. The initial data collected along the theoretical and methodological patha, in continuous analysis, concerning to the perceptions that those professionals demonstrate upon the range of work performed. Firstly it was emphasized three coordinated deictics formed by enunciation (action) of teachers and professors: the categories of centrality, flexibility, and autonomy. Moreover, we intends to reflect about what measures those coordinated indicate for a healthy work context able to enhance the elaboration of new ways of working, or if this is an oppressive context, that demand answers of teaching professionals to a work performed in deficiency conditions.

Keywords: Discursive deixis; Teaching activity; Selfbody; Teaching Institutions.

### Notas

- Ao longo de todo o texto, optamos por marcar a distinção de gênero ao nos referirmos às e aos colaboradores da pesquisa, como uma opção política que garante a mesma visibilidade na escrita acadêmica tanto às mulheres quanto aos homens que realizam a docência.
- Para Antunes (2009), a classe-que-vive-do-trabalho inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho. Engloba "aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo, como elemento vivo do processo de valorização do capital e de criação de mais-valia" (ANTUNES, 2009, p. 102). Destaca-se ainda que o autor, considerando "que todo trabalhador produtivo é assalariado e nem todo trabalhador assalariado é produtivo.

uma noção contemporânea de *classe trabalhadora*, vista de modo ampliado, deve, em nosso entendimento, incorporar a *totalidade dos trabalhadores assalariados*" (ANTUNES, 2009, p. 102, grifos do autor).

- Por espaço discursivo, Maingueneau (2008a, p. 35) define "sub-conjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação." Trata-se de um recorte que o analista realiza para definir seu escopo de pesquisa, "resultado direto de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir" (MAINGUENEAU, 2008a, p. 35).
- <sup>4</sup> Na Ergologia, por saberes instituídos, define-se os saberes constituídos nas prescrições para a atividade de trabalho, plano que se distancia dos saberes investidos, saberes que são mobilizados durante a realização da atividade no confronto com situações sempre singulares nos contextos de trabalho.
- Possenti (2002), seguindo o estilo de formulação de Dominique Maingueneau, postula que "cada discurso é integralmente histórico e social e integralmente pessoal e circunstancial – para evitar a idéia de que o sujeito é fonte de seu discurso e a de que é o discurso que se dá" (POSSENTI, 2002, p. 99).
- Adotamos códigos para fazer a referência à colaboradoras e aos colaboradores da pesquisa de modo a não revelar suas identidades, conforme o compromisso assumido de confidencialidade sobre os participantes do projeto.
- Há cada excerto das entrevistas transcrito, indicamos inicialmente a sua localização no áudio em horas, minutos e segundos.
- O negrito é utilizado para destacar o grifo das autoras em passagens relevantes para as análises que estão sendo desenvolvidas.
- Utilizamos o sublinhado sempre que as colaboradoras e os colaboradores da pesquisa, em suas intervenções, fazem uma autocitação ou uma heterocitação, recuperando de modo direto o que disseram ou o que outros disseram em situações passadas.

#### Referências

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. *Os sentidos do trabalho:* ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ATHAYDE, Milton; BRITO, Jussara. *Introdução à edição brasileira*: ergologia e um livro-ferramenta, uma tecelagem que se propaga. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010.

DURAFFOURG, J. *O trabalho e o ponto de vista da atividade* – conversa entre Jacques Duraffourg, Marcelle Duc e Louis Durrive. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010.

DURRIVE, Louis. Introdução I. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). *Trabalho e ergologia:* conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010.

FAÏTA, Daniel. A linguagem como atividade – conversa entre Christine Noël, Daniel Faïta e Louis Durrive. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). *Trabalho e ergologia*: conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em Análise do Discurso. Tradução de Freda Indursky. 3 Ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. Cenas de Enunciação. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MARTINS, Elita B. A. Formação de professores e autonomia docente: algumas reflexões. Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery, n. 9, p. 1-13, jul.-dez., 2010.

MARTINS, Elita B. A. A autonomia do trabalho docente: possíveis significados "lá" e "aqui". 25º Simpósio Brasileiro e 2º Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação, 2011, São Paulo. Anais. Disponível em http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhos-Completos/comunicacoesRelatos/0169.pdf. Acesso em: 25 abr. 2019, p. 1-12.

POSSENTI, Sírio. O sujeito fora do arquivo? In: POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e ergologia – conversa entre Yves Schwartz, Louis Durrive e Marcelle Duc. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). *Trabalho e ergologia:* conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010a.

SCHWARTZ, Yves. A linguagem em trabalho – conversa entre Yves Schwartz, Louis Durrive e Marcelle Duc. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). *Trabalho e ergologia*: conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010b.

SCHWARTZ, Yves.. Trabalho e uso de si – conversa entre Yves Schwartz, Louis Durrive e Marcelle Duc. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). *Trabalho e ergologia:* conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010c.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). *Trabalho e ergologia:* conversas sobre a atividade humana. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010.

TRINQUET, Pierre. Qu'est-ce que le travail?. *Revista Moara*, Belém, n. 38, p. 5-20, jul.-dez., 2012.